

# PALAVRA

ANNO I—NUMERO 16

Organ litterario

ASSIGNATURA: MEZ 500

REDACTORES: FERNANDO CALDEIRA E JULIO CAMPOS

COLLABORADORES: — DD. Delminda Silveira e Ibrantina de Oliveira, Virgilio Varzea, Jansen Junior, Adolpho Mello, Faraco, H. de Carvalho, Arthur de Mello, A. Figueredo, S. Brazil, J. Boiteux, W. Bueno, L. Lapageze, Horacio Nunes, Sylvio Pellico, Eduardo Pires e Carlos de Faria

REDACÇÃO—RUA DO SENADO N. 4 (SOBRADO)—PUBLICAÇÃO SEMANAL

SANTA CATHARINA — Desterro, 11 de Outubro de 1888

## IBRANTINA DE OLIVEIRA

A litteratura, que em nossa provincia nestes ultimos tempos tem tomado um impulsionamento e grandeza admiraveis, não é só abraçada por moços cheios de vida, que buscam voar ás ethereas regiões do idealismo, afim de dar expansão ao seu espirito evolucionario, como tambem por uma pleiade de distinctas, entre a qual figuram vários nomes por todos nós bem conhecidos—Delminda Silveira e Ibrantina de Oliveira.

A PALAVRA que já vae passando uma quadra toda florida, e que sempre encontrou n'essas duas moças o maior entusiasmo pelo desenvolvimento da grandeza litteraria, a illuminadora do presente e fortificadora do futuro, sente-se hoje ufana em comprimentar uma das suas illustres collaboradoras, cujo talento fino e scintillante ninguem pode duvidar. Ibrantina de Oliveira é incontestavelmente uma dessas poetisas ardentes, transpirando em suas poesias esse entusiasmo de moça que atravessa a bella quadra dos dezenove annos.

Criança como é, dotada de grande talento e de uma immensa força de vontade, a nossa illustre collaboradora tem uma reputação já firmada na carreira das letras, e para confirmar a nossa asserção estão ahi os jornaes de diversas provincias, que continuamente publicam produções suas e que são accordes em lhe tributar os maiores elogios, impulsionando-a a caminhar sempre, afim de conseguir a perfectibilidade, nessa estrada matisada de flôres—e que se chama o estudo.

A PALAVRA que sempre encontrou em Ibrantina de Oliveira um auxiliar franco e decidido, veste galas, pelo dia de hoje, ao vêr que as vinte primaveras de sua illustre collaboradora são recebidas no meio de flôres, e palmas aquelles que sempre têm uma palavra de animação ao vêr talentos da força de Delminda da Silveira e Ibrantina de Oliveira.

FERNANDO CALDEIRA

## A' minha irmã Ibrantina de Oliveira

Que as tuas vinte perfumadas primaveras sejam radiantemente coroadas por uma série de ininterrompidas duradouras felicidades; e que na senda do teu esperançoso futuro, reverbere a fulgurante luz da gloria que illumina sempre os teus passos para o eterno!



## D. IBRANTINA DE OLIVEIRA

Completa hoje vinte perfumadas primaveras a sympathica escriptora D. Ibrantina de Oliveira.

Eu quizera saudal-a com toda a emphase, em termos esplendidamente escolhidos, grandes; quizera tinta de clarões de auroras para colorir a pallidez de minha rethorica.

Ibrantina de Oliveira, a escriptora que ha poucos mezes appareceu francamente na arena do ideal, e que sabe com as elevações de sua imaginação vigorosa insuflar nas rachiticas columnas da imprensa litteraria—a vida, o desenvolvimento dessa arte tão estimada pela mocidade; ella é uma atalaya desse desenvolvimento, pois, além de uma vontade admiravel, de um talento bem organizado, é estudiosa, activa, avida de leitura e bem preparada.

DD. Delminda Silveira e Ibrantina

de Oliveira representam a litteratura delicada, fina, concebida por espirito penetrante e delicado.

Na prosa tem esta escriptora alcançado bonitos triumphos em bellos artigos publicados nos jornaes litterarios desta capital e de fóra; ao par de um estylo viril, correcto, agradável, enquadra-se a inspiração e os relevos elegantes que sua bella intelligencia sabe como enulpir em suas produções adoradas e larzadas das mais arrebatadoras imagens.

Vigor da mocidade, aos vinte annos, a moça que, sempre muito naturalmente a aperfeiçãoamento, tanto na prosa como na poesia, já pelo estudo continuado que faz com o maior gosto, já pela decidida vocação que tem pelas letras.

Eu saúdo a distincta poetisa, pedindo que continue a servir de estimulo á mocidade estudiosa, publicando sempre suas apreciadas produções.

JULIO CAMPOS

Desterro, 11 de Outubro de 1888.

## IBRANTINA DE OLIVEIRA

A madrugada de hoje gorgoeou n'um derramamento de luz triumphante o «alérta» do Genio, atravéz de todas as floréstaras saturadas de canticos, alagadas de sól nascente!

A Natureza acordou nupcialmente perfumada sob a claridão boa e salutar do arqueamento do azul indefinido!

Nuvens côr de rosa, como pedaços virgens de sonho, ondulam pelo ar n'um banho primaveril de alvoreceres de gloria!

As opálas transparentes do orvalho matutino, dispérsas sobre as coróllas dos lyrios alvos, têm o aspecto de uma rendilhação de pequeninos diamantes



botada, notou que  
que encobria-lhe os pe  
Corando de pejo occultou-se ligeira-  
mente, atraz do engenho, esperando, ir-  
ritadamente, a noite.

Os que passavam rindo na estrada  
não viam Ida chorando.

LUIZ NEVES

Desterro.

## A AURORA

A ARTHUR DE MELLO

Nasce o dia. A lua baça e merencorea, empallidecida pelos primeiros lampejos da aurora, sente-se triste, fluctuando solitaria pelo azul do firmamento... Tudo é silencio. A natureza parece dormir no seu leito de grandezas, suavizado pelo suspirar das auras, e sonha talvez com as estrellas do céu, com a belleza dos anjos. As avesinhas multicolors erguem seus vôos, embriagadas pelo despontar do dia e vão cantar as suas alegrias junto do lago suave como a fronte immaculada do Cordeiro, crystalino como as aguas puras do Jordão.

As flôres, as florinhas dos jardins, despertadas pelos cantos dos passarinhos, guardam em seu seio as lagrimas da noite. As pedras de cristal em concha de esmeralda, e levemente erguem suas petalas perfumosas a receberem a luz do astro-rei que desponta do outro lado da montanha.

O suave regato, que perpassa mansamente, revive tambem no meio desse despertar da vida e suas aguas, agora oureadas, sentem o bello afflúvio de um poder celeste.

E ha em tudo isso no despertar do dia nobre e magestoso, no murmurar da doce natureza, no suspirar das flôres e mansidão do regato, algum «que» de sublime, de elevado: é a luz da poesia, que se sente, que engrandece, que extasia, as flôres d'alma, nascidas nos arrebóes do crepusculo.

FERNANDO CALDEIRA

Desterro.

## SONETO

E'seu rosto gentil, sua figura,  
Da Creação archétypo mimoso;  
Quanto vemos de bello e magestoso  
Resume-se na sua formosura.

Estrella que o céu limpido fulgura,  
Rosa aberta em vergel delicioso,  
Não tem o encanto de seu talhe airoso.  
De seus olhos a luz serena e pura.

pedaço  
eninos.  
Contra o pincel dos homens um sarcasmo  
Quiz ao mundo atirar a natureza.

E o mundo todo estremeceu de pasmo.  
Quando rara sabiu sua belleza  
Das mãos de Deus no ardor do enthusiasmo.

MONIZ BARRETO.

## DOLORES

Drama original em 2 actos

POR

Horacio Nunes

(Continuação)

BARÃO.—O casamento não é somente a união de duas individualidades: é o enlace de dois corações, é a junção de duas almas, que tem por fim amparar e fortalecer, enxugar as lagrimas, e frimemente arranca, compartilhando os perfumados da felicidade, e com os olhos, sentir com o coração, e minhar para o mesmo no coração gotteja o pranto e as ceras que o mar virsam

para levar-lhe o balsamo consolador na palavra convincente, que lhe lembre o céu, que lhe mostre a luz sagrada da esperança, que lhe aponte o caminho da fé. E' d'esta igualdade de sentimentos que nasce a ventura; são os casamentos por amor que consolidam a ordem e a moralidade social. E' n'essas alegrias celestes e inseparaveis das almas grandes, é n'estas explosões dos corações generosos que consiste a verdadeira ventura, a vida, a animação, a coragem, a resignação, a esperança no céu; é no perfumado e franco sorriso do lar que se bebe a lógos haustos a vontade de trabalhar, o desejo de viver, o estímulo para vencer nas luctas tempestuosas da vida...

MOREIRA.—(indo á janella, deitar fóra o charuto, á parte.)—Soberbo! Isto n'um drama levantava uma tempestade de palmas!

BARÃO.—Mas o casamento por conveniencia muda de face. E' o pacto da buixeza com o oiro, da villania com a opulencia. N'este não se encontra, como no inspirado pelo amôr, a calma serenidade que, perfumando a alma do homem, transforma a mulher em um anjo enviado por Deus á terra para nos fazer entrever os gosos divinaes do paraíso; não se vê scintillar nos labios da mulher o sorriso

odoroso da alma descuidosa; não apparece nos olhos do homem a luz vibrante que annuncia em esplendores divinos a tranquillidade do intimo. A mulher e o homem que se unem por conveniencia, enlaçam as mãos por cima de um abysmo, sem consciencia de que estão prestes a medir-lhe o fundo. Não ha felicidade possivel: é a desordem, a discussão eterna, o crime muitas vezes, o odio sempre, sempre o arrependimento. Mas quando chega o arrependimento, é tarde: não ha recuar: para condemnar o que recua, ahí está a sociedade. E' caminhar sempre, com a fronte erguida e o sorriso nos labios, para que a sociedade não veja na mulher um demonio ou uma martyr, e não encontre no homem um miseravel ou um desgraçado sem nome. Compra-se a ouro uma mulher ou um

possivel

por essas salas...

## SCENA II

OS MESMOS, DOUTOR E MIRANDA

DOUTOR.—(entrando com Miranda.)—Ora, sr. Miranda, deixe-se disso. O sr. não inventou a polvora.

MIRANDA.—Garanto-lhe, doutor.

DOUTOR.—Mas eu não acredito emquanto não o vir pôr em pratica o seu invento. Sigo exactamente o systema de S. Thomé:—ver para crer.

BARÃO.—O Sr. Miranda inventou alguma cousa?

MIRANDA.—Um novo passo de walsa, Sr. barão, um novo passo de walsa.

MOREIRA.—(ironico.)—Um novo passo de walsa!

DOUTOR.—(ao barão.)—Diz elle que é de um effeito esplendido, maravilhoso.

MIRANDA.—Oh! é porque os Srs. ainda não o viram. E' uma cousa estupenda, Sr. barão, nunca vista! Si não fôssemos eu e o acaso, ficava o mundo sem esse progresso mais.. E que progresso, Sr. barão, que progresso!

BARÃO.—Então foram o Sr. e o acaso?

DOUTOR.—Elles conhecem-se.

MIRANDA.—E' verdade. Foi ao levantar-me da cama. Estendi a perna direita

para alcançar a chinella, que estava um pouco longe, e... z ás!

MOREIRA.—Descobriu a pedra philosophal!

MIRANDA.—Nada. Cahi sentado no chão. (Todos riem-se.)

DOUTOR.—Ora!

MIRANDA.—Não se riem. Aquella queda foi providencial. Para levantar-me, tive de estender a perna esquerda e... z ás!

MOREIRA.—O que?

### Aos 20 annos da poetisa Ibrantina de Oliveira

Vinte annos! idade perfumada dos amores, idade em que sentimentos no fundo do nosso peito as mais ardidas das paixões!

... as colhi-

mura uma linguagem pura que nem todos a comprehendem, e que os olhos nos lançam luxuosas chammas de desejos que os labios não se atrevem a dizel-os.

Vinte annos! vinte auroras rutilantes que te ornã a fronte luminosa de rainha na estrada onde fólga o sól da—Poesia!

Senhora, n'esta idade em que tudo para vós é um paraizo, só posso dizer-vos:

« Emquanto hymnos de gloria a multidão vos  
saudando a vossa lyra, ó triumphal senhóra,  
Deus abençoa em festa a vossa idade santa  
cheia de muito amôr e de canções da aurora!... »

TIMOTHEO MAIA

Desterro, 11 de Outubro de 1888.

MAIS UMA

(SCENAS DE PROVINCIA)

(Continuação)

Uma tarde do fim de Janeiro, a Benta, sentada ao lume, vigiando a panella onde ferviam os grãos para a ceia,

esperava pela Rita. A chuva caia tesa repinicando da calçada deserta; apenas alguns moços subiam a rua, voltando da lavoirã com as parelhas pela arreata, embrulhados nas mantas, abaiando a cabeça na refrega. Escurecia já, n'aquelle chegar rapido das noites de inverno, apressado pelo veu cinzento da agua, que encurta os horisontes. E, das portas entreabertas, as candeias, que se accendiam, começavam a pôr linhas de reflexos vermelhos nas pedras lustrosas. Ouviu-se agora um ruido de passos, vozes de raparigas despedindo-se; e a Rita entrou a porta, batendo os pés molhados no ladrilho, inclinando para diante o chapéu, d'onde correu um fio de agua.

—Vens molhada? perguntou-lhe a mãe.

—Encharcada, respondeu a rapariga de máo humor. Leve o «diab'alma» a azeitona, «mail-o» tempo que faz.

E, tirando o chaile dos hombros, deitando o chapéu para cima da arca, veiu sentar-se ao lume. Ficaram calladas. A Rita enxugava-se; levantava as mãos até ás ligas, pondo no calor da água as pernas finas e robustas, e as meias de linha azul, e começaram a levantar-se pouco a pouco as pequenas nuvens de vapor. Benta, immovel, olhava para a filha com uma hesitação; mas, de repente, quem se decide:

—Mamã, esteve cá hoje?... o sr.

A Rita ergueu os olhos para ella, e, sem responder, baixou-os lentamente para o lume. Nas brazas via agora o Cardoso tal qual o vira no verão, na Festa das moças, gordo, bruto, o beijo pendente, os olhos injectados. Mas a Benta continuou devagar, embaraçada da sua explicação difficil;

—Passou ahí já depois do meio dia... e entrou. Coitado... elle é bom homem. Diz que lhe dava lastima ver a gente assim... tu a trabalhares... sem estares costumada. Queria levar a gente pró monte d'elle... prá Rapozeira. Diz que nos semeava lá a ceira... que nos não havia de faltar cousa nenhuma...

A Rita nunca despregou os olhos das brazas, ouvindo uma a uma as palavras da mãe. Sabia muito bem o que ellas significavam; sabia-o claramente, na sua sciencia rude e completa de rapariga do campo. Não estranhou que a mãe, a sua propria mãe lh'as dissesse; já não tinha as indignações promptas e altivas do verão. Estava cansada, muito farta de trabalhar, de molhadellas, de ceias pobres, de grãos duros, mal cosidos com um fio de azeite. Tinha um quebramento de tudo, uma covardia, que lhe ia delindo as repugnancias e os escrupulos.

Mas sentiu dentro de si uma resistencia; toda a sua mocidade intacta e fresca protestando n'um calafrio revoltado dos sentidos. Teve como um apego ao ar, ao sol, ás festas alegres, onde fosse de cabeça levantada. Pareceu-lhe,

de repente, o trabalho, o apanho da água, as grandes encostas lavadas, ouvindo os varejadores cantar em cima das oliveiras. Lembrou-se do Zé Severo, o ingrato que ia casar com a Chica Sirgueira; e de um moço que agora a namorava, um bello mocito, muito pobre, que andava lá no varejo. E ficou alli quieta, callada, fitando as brazas. Instintivamente olhou para si; para a saia de batido, rota já, toda esfiada em baixo; para as mangas das roupinhas de chita preta, velhas e russas, molhadas ainda, colladas sobre o seu bonito braço redondo, esfumado de finos pellos negros. Viu-se então, como estava n'aquelle dia de festa, muito secia, muito bem composta. Teve saudades dos lenços de seda que lhe iam tão bem; e das suas argolas de oiro, vendidas para pagar a renda da casa. Voltou-lhe de repente a pena das suas argolas— muito lindas; uma pena funda de creança a quem quebraram um bonito, tão funda ainda que lhe trouxe de novo as lagrimas aos olhos. Sabia que os lenços, e as argolas, e mais argolas, e vestidos, e cordões, podiam voltar... o Cardoso era muito rico, e muito generoso.

A velha questão surgia alli diante da rapariga, dançava na chamma oscillante do lume pobre, luzia nas pequeninas brazas vermelhas, brilhantes no branco das cinzas... vender-se.

Vender-se para comer bem para ter cousas bonitas, lenços de seda ou diamantes. Sòmente a Rita não sabia o que eram diamantes; e não sabia tambem que a questão era velha mil vezes debatida em prosa e em verso, que o seu caso era commum, que ella era apenas... mais uma. Nem chegava a questão na sua formula crua— vender-se. Simplesmente a coisa repugnava-lhe. Vinha-lhe agora um terror de andar nas boccas da gente; do que haviam de dizer; de lhe chamarem a amiga do Cardoso.

(Continúa)

### Soneto

Eu a tinha deixado... aos meus ouvidos  
Soava ainda a musica singela  
Das notas peregrinas da voz d'ella,  
Ao dizer me um adeus entre gemidos.

Embriagava ainda os meus sentidos  
O perfume de sua voz tão bella,  
E do meu coração na fina têla  
Dos seus labios havia os coloridos!

Sonhando adormeci... sonho divino!  
Ao altar conduzi-a prazenteiro,  
E ao d'ella juri gostoso o meu destino!

Corri tremulo da alcova o reposteiro,  
Ia beijal-a... e acordei sem tino  
Beijando como louco... um travesseiro!...

\*\*